



Grupo de Trabalho sobre Assédio – Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Nota de apoio a manifestação das alunas da UFPel

Durante o X Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira e III Jornadas de Atualização em Arqueologia Tupi-Guarani, realizados em Pelotas, no Rio Grande do Sul, de 18 a 21 de outubro de 2016, alunas do curso de Antropologia/Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) realizaram um ato denunciando as diferentes formas de assédio a que estão sujeitas. A manifestação procurou explicitar atitudes machistas a que muitas mulheres estão suscetíveis dentro de espaços acadêmicos e de trabalho em arqueologia. Sabemos que, infelizmente, as frases que foram evidenciadas, tais como “Mulheres só servem para Educação Patrimonial”, “Mulher não pode ir sozinha a campo” e “Mulher não serve para Arqueologia”, são recorrentes.

Um grupo de mulheres, de graduação e pós-graduação, buscou demonstrar que estas atitudes estão presentes de forma generalizada, e muitas vezes velada, nos diversos espaços que frequentamos. Esta manifestação, apesar de não ter sido uma denúncia contra um caso específico, está ancorada em diversos casos reais em situações cotidianas, que envolvem relações entre alunas/alunos, professoras/professores, funcionárias/funcionários e colegas de trabalho.

O Grupo de Trabalho sobre Assédio, da Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), declara nesta nota seu apoio às manifestações feministas realizadas e manifesta seu repúdio a qualquer tipo de represália e punição a estas estudantes. Sabemos que tomar esta decisão e esta atitude de posicionamento político não é fácil e envolve lembrar casos que muitas vezes gostaríamos de esquecer, além de lidar com situações que podem ser dolorosas. Apesar disso, é necessário que estes problemas venham a tona e que se sejam tratados com o devido respeito e seriedade. Desta forma, apoiamos incondicionalmente este ato e nos colocamos a favor de que este debate se expanda para além de ambientes informais.

Mesmo levantando muitos incômodos, é de extrema importância que a repercussão deste caso não seja um prolongamento das opressões e que não se faça um julgamento voltado para a ação das mulheres, mas sim uma reflexão quanto as atitudes dos agressores. A repreensão e o silenciamento deste tipo de manifestação contribuem para que se crie um ambiente hostil de discussão, dificultando a transformação da arqueologia em um espaço de respeito e acolhimento. Por fim, apoiamos fortemente este tipo de discussão em espaços acadêmicos.

GT Assédio – Comissão de Direitos Humanos – MAE/USP

CARLA CARNEIRO (Chefe da Divisão de Apoio à Pesquisa e Extensão)

ELIANE CHIM (Mestranda PPGArq)

KLEBER BIANCHINI (Chefe de Seção Apoio Acadêmico)

LAURA FURQUIM (Mestranda PPGArq)

LEA BLEZER (Mestranda PPGArq)

MARIA CRISTINA BRUNO (Diretora MAE/USP)

MARINA DI GIUSTO (Mestranda PPGArq)

MAURICIO SILVA (Chefe do Educativo)

SILVIA LEAL (Mestranda PPGArq)

VAGNER PORTO (Docente)

WASHINGTON MARQUES (Funcionário da Biblioteca)

XIMENA VILLAGRÁN (Docente)